

CAMINHABILIDADE E GÊNERO: PERCEPÇÃO DE INSEGURANÇA DAS MULHERES NOS DESLOCAMENTOS A PÉ

ARACELE ROCHA MAHFUZ¹; ADRIANA PORTELLA²;
GISELE PEREIRA³

¹UFPEL – araceleceu@gmail.com

²UFPEL – adrianaportella@yahoo.com.br

³UFPEL – Gisele_pereira@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa parte do entendimento que o espaço público das ruas é elemento-chave de integração econômica e social das cidades, tornando-as mais saudáveis, sustentáveis e prósperas, e, portanto, se faz necessário um planejamento urbano que busque estimular a mobilidade ativa, principalmente de pedestres e ciclistas. Segundo Speck (2017), caminhabilidade é a medida que, dentre as vantagens físicas e sociais do deslocamento a pé, talvez seja a que mais contribua para a vitalidade urbana. A figura 1 esquematiza, visualmente esses conceitos:



Figura 1 – Conceito de caminhabilidade.
Fonte: adaptado de Instituto Caminhabilidade, 2022.

Porém, Lynch (1960), aponta que cada indivíduo vivencia e sente a cidade de forma singular. Para o citado autor a paisagem urbana evoca lembranças, identificação e significados diferentes para cada cidadão baseado em suas próprias experiências, mas que parece haver um consenso significativo entre membros de um mesmo grupo. Sendo assim, percebe-se a importância de compreender a percepção de diferentes grupos, com as heterogeneidades inerentes, sobre o desenho urbano ao se deslocar nas ruas, para que se possa definir formas de estimular os deslocamentos a pé.

A presente pesquisa buscou fazer um recorte de gênero, tendo em vista que as mulheres foram, historicamente, restringidas aos espaços privados, e recorrentemente sentem medo de assédio ou de violência quando adentram no espaço público. (BANDEIRA, 2014; DUTRA; MACHADO, 2017; FERNANDES; LIMA, 2019; GALETTI, 2017; KERN, 2021).

O assédio sexual em espaços públicos é uma das formas mais prevalentes de violência de gênero (RIBEIRO, 2021). Tal hostilidade é potencializada pelos aspectos de raça, cor e lugar o que torna as mulheres negras e periféricas as mais vulneráveis. (FERNANDE;LIMA,2019).

Com o intuito de aprofundar o estudo entre caminhabilidade e gênero, a presente pesquisa foi desenvolvida junto ao Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa de Percepção e Avaliação do Ambiente pelo usuário e sua relevância se dá diante da necessidade de ampliar as discussões de gênero no âmbito da Arquitetura e da Engenharia, além de estar em consoante ao quinto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável, apresentado na Agenda 2030¹, que busca atingir a igualdade de gênero e empoderar meninas e mulheres.

Sendo assim, o objetivo principal desta pesquisa, foi: 1) analisar como o desenho urbano pode contribuir para o fortalecimento dos deslocamentos a pé das mulheres e 2) apresentar diretrizes para elaboração de políticas públicas na área de planejamento urbano, visando criar espaços públicos mais seguros e acolhedores, incentivando cada vez mais a mobilidade ativa.

2. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos deste trabalho, o método científico da presente pesquisa classifica-se como fenomenológico, pois tem como objeto de conhecimento o mundo enquanto vivido pelo sujeito, procurando perceber os significados atribuídos por cada um ao objeto que está sendo estudado (GIL, 2008).

Os métodos propostos para o estudo de caso são: pesquisa documental; observação; levantamento físico e entrevistas caminhadas.

Estudo de caso

O estudo de caso foi realizado no bairro Porto no município de Pelotas/RS. Esta região se tornou um atrativo para projetos de desenvolvimento da Universidade Federal de Pelotas, a qual viu, nos grandes prédios ociosos, a possibilidade de aumentar sua área física, melhorando sua infraestrutura e atraindo investimentos que aparecem como um incentivo para a recuperação da região (INCHAUSPE; NETO,2019).

Além disso, desde 2001, a prefeitura de Pelotas trouxe a discussão da Cidade Universitária dentro do plano Diretor (Lei n. 5.502, 2008), que seria um projeto de humanização de uma ampla área da zona do Porto, priorizando o pedestre e fazendo da rua um espaço de convivência.

Inicialmente, realizou-se um reconhecimento de campo, através de observação e registro fotográfico, que se deu via caminhadas na região, para encontrar elementos capazes de influenciar a percepção de segurança das mulheres que transitam na região. Ademais, foram realizadas entrevistas caminhadas com mulheres que frequentam ou moram no bairro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas caminhadas foram realizadas com seis mulheres. As gravações das entrevistas foram transcritas e agrupou-se, as falas das participantes do estudo em três categorias: violência de gênero nos espaços

públicos, a mobilidade a pé e a divisão sexual do trabalho. Ao longo do processo de análise, considerou-se necessário acomodar os conteúdos das falas em categorias, que emergiram nas entrevistas. Sendo assim, foram definidas e analisadas as seguintes temáticas: relação e afinidade com o bairro, barreiras físicas e psicológicas e experiências positivas e negativas nos deslocamentos a pé.

Na Tabela 1, a seguir, apresenta-se uma síntese da amostra de pesquisa. A fim de preservar a identidade das respondentes, foram atribuídos códigos a elas:

Tabela 1 – Amostra de pesquisa

Codinome	Identidade de gênero	Orientação Sexual	Cor	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Data da entrevista
EM_01	Cis	Heterossexual	Branca	Solteira	Superior Incompleto	Produtora Cultural / Estudante	30/03/2023
EM_02	Cis	Heterossexual	Branca	Solteira	Superior Completo	Servidora Pública / Estudante	04/04/2023
EM_03	Cis	Heterossexual	Negra	Casada	Superior Incompleto	Diarista / Estudante	06/06/2023
EM_04	Trans	Heterossexual	Branca	Solteira	Superior Completo	Cantora / Estudante	20/06/2023
EM_05	Cis	Heterossexual	Negra	Casada	Superior Incompleto	Professora / Estudante	21/08/2023
EM_06	Cis	Homossexual	Branca	Solteira	Superior Completo	Recepcionista	23/08/2023

Fonte: a autora.

Os resultados revelaram que há aspectos importantes do desenho urbano que influenciam tais escolhas. Entre elas, cita-se a ocupação dos espaços públicos, o que está diretamente relacionado à arquitetura urbana e atrativos capazes de fazerem pessoas desejarem estar no espaço público. Nessa ordem, grafites, praças, construções prediais, eventos culturais e iluminação pública, conforme visto nas entrevistas, somado a fatores emocionais, como as memórias afetivas das entrevistadas, mostram-se de extrema relevância para a percepção de segurança das mulheres.

4. CONCLUSÕES

O assédio sexual nos espaços públicos é uma interação bastante frequente no cotidiano das mulheres brasileiras, provoca sensação de desconforto e intimidação da vítima e está ligada intimamente aos estereótipos de gênero o que inibe as mulheres de circular e se apropriar desses locais, não só para se deslocar, mas também como alternativas de lazer. As entrevistas evidenciaram o quanto as usuárias sentem-se inseguras principalmente as mulheres negras pertencentes à comunidade LGBTQIAP+.

A caminhabilidade traz diversas vantagens para as cidades: saúde, bem-estar, segurança, entre outros, contudo, percebe-se que ainda se prioriza o deslocamento motorizado, com colocação de asfalto e alargamento de vias além de baixos investimentos em infraestrutura para pedestres e ciclistas, o que se confirmou neste estudo, que registra imagens dos espaços urbanos, com falta de manutenção nas calçadas e falta de iluminação, capturadas recentemente.

Assim sendo, as políticas públicas na área de planejamento urbano devem levar em consideração as especificidades das mulheres principalmente negras, lésbicas e trans.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, [S.l.], v. 29, n. 2, p. 449-469, mai./ago. 2014.

DUTRA, Lara Borges; MACHADO, Línia D. Lopes. A violência de gênero contra a mulher nos espaços públicos. **Revista Jurídica Eletrônica**, [S.l.], v. 6, n. 8, p. 6-8, fev. 2017.

FERNANDES, Amanda Carvalho; LIMA, Carlos Henrique Magalhães de. O planejamento urbano e a violência contra a mulher no espaço público: reflexões a partir de experiências na França e no Brasil. In: CONGRESSO DA ARQUISUR, 23., 2019, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/arquisur-2019/papers/o-planejamento-urbano-e-a-violencia-contr-a-mulher-no-espaco-publico--reflexoes-a-partir-de-experiencias-na-franca-e-no?lang=pt-br>. Acesso em: 05 set. 2021.

GALETTI, Camila C. Hildebrand. Direito a cidade e as experiências das mulheres no espaço urbano. In: Encontro Anual da Anpocs, 41., 2017, Caxambu. **Anais Eletrônicos** [...]. Caxambu: Anpocs, 2017. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt34-8/10916-direito-a-cidade-e-as-experiencias-das-mulheres-no-espaco-urbano/file>. Acesso em: 22 set. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas 2008.

INCHAUSPE, Ícaro Vasques; SILVA NETO, Francisco Luiz Pereira da. O Sofá está na Rua: uma etnografia sobre pontos de encontros e formas de sociabilidades na região do Porto na cidade de Pelotas/RS. **Revista Ponto Urbe** [online], [S.l.], n. 24, jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7656>. Acesso em: 22 set. 2021.

INSTITUTO CAMINHABILIDADE. Caminhabilidade. **Site Instituto Caminhabilidade**, [S.l.]. 2022. Disponível em: <https://caminhabilidade.org/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

KERN, Leslie. Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1960.

SPECK, Jeff. **Cidade Caminhável**. São Paulo: Perspectiva, 2017.